



Fundado no  
Sesquicentenário da  
Batalha do Seival

# O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO  
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL

23 anos do IHTRGS

Ano 2009

Nº 70

## AS GLÓRIAS DA FEB

### 1. Considerações Iniciais

a. A História, como é consabido, não se repete. Entretanto, como assinalam historiadores de nomeada, há circunstâncias muito semelhantes que reaparecem na existência de cada povo, consoante as velhas teorias do “pendulum historiae” (pêndulo da História) ou “horologium historiae” (relógio da História). Como uma senóide, as Nações chegam ao apogeu de sua evolução histórica e, muitas vezes, por negligência de seus próprios filhos, sofrem, prematuramente, o seu perigeu. Já dizia o historiador Gustavo Barroso: “Aqueles povos que não escutam as badaladas sonoras de sua História, por seus feitos gloriosos, esquecendo-os, chorarão, amargamente, ao ouvir o triste dobre dos sinos”.

b. Na História Militar do Brasil, dois momentos históricos ainda bem recentes, exurgem como de suma relevância: a participação do País na II Grande Guerra e o Movimento Cívico-Militar de 31 de março de 1964. Felizmente, esses dois episódios estão muito bem documentados, máxime após a edição de vários volumes do “Projeto História Oral do Exército Brasileiro”. Assim, se nós militares, em particular, entendermos que a História deve pairar acima dos sabores da época vivida e perseverarmos em enaltecer e cultuar os feitos memoráveis da bela História Militar brasileira, não correremos o risco de “ouvir o triste dobre dos sinos”, como, há tempos, nos advertia o ilustre Gustavo Barroso. Acerca de um desses episódios históricos é que pretendemos relembrar, sucintamente, alguns aspectos importantes.

### 2. A Força Expedicionária Brasileira

#### a. Breve recorrência histórica

No ano de 1941, quando os alemães dominavam grande parte da Europa, o Japão atacou a base norte-americana de Pearl Harbor, fazendo com que os EEUU, até então neutros, entrassem em guerra. Em vista do Tratado de Havana, de 1930, o Brasil solidarizou-se com aquele País e rompeu relações com o Eixo. Diante dessa atitude, não levou muito tempo para que sofrêssemos as represálias do inimigo. Em sete meses, pagávamos o preço da solidariedade continental, hipotecada por força de Tratado: foram afundados 19 navios brasileiros ao longo de nosso litoral. Mais de 700 vidas foram ceifadas, sem declaração de guerra, por torpedos de submarinos alemães. O clamor público se fez sentir em todo o País, então com 40 milhões de habitantes. Em consequência, é declarado, em 22 de agosto de 1942, o estado de beligerância contra os países do Eixo, quando os exércitos inimigos obtinham expressivas vitórias na Europa, África e Ásia, com os nazistas ameaçando Moscou. Estávamos em guerra...

Necessário se faz, para bem entendermos o que era o Brasil daquela época, invocarmos o testemunho do General Octávio Costa, registrado em seu valioso livro de reminiscências da FEB, escrito em 1975, de título “Trinta Anos Depois da Volta”; - Citação:

*“O Brasil continuava sendo o eterno País do futuro. Éramos uma nação pacifista, cujo Exército havia disparado seu último tiro, em 1870, nos campos do Paraguai. Desde o início da década de 20, aqui estava uma operosa Missão Militar Francesa, que montara no Exército, o admirável sistema de ensino militar que responde pelo excelente nível cultural de*

nossos oficiais. A organização, os regulamentos, os processos de combate, a doutrina, afinal, era francesa, fortemente impregnada de conceitos defensivos. O armamento, de diferentes procedências. Os canhões eram alemães e franceses, Krupp ou Schneider 75, fuzil Mauser 1908, morteiro Brandt, metralhadora Madsen ou Hothckiss – quase tudo viera da Europa, salvo da Guerra de 18. A Marinha de Guerra limitava-se quase exclusivamente, aos velhos e obsoletos encouraçados “Minas” e “São Paulo” e a Aeronáutica, ainda vinculada às forças de terra e mar, mal começava a nascer. Esse era o Brasil de antes da guerra, contemplativo e pobre, pessimista e preguiçoso, inquieto e contraditório, marcado de preconceitos e complexos, quase sempre “Jeca Tatu”. - Fim da Citação.

Nesse quadro nada alentador é que o Brasil teve a incumbência de preparar um Corpo de Exército de cerca de 70 000 homens (a 3 Divisões de Infantaria) e de intensificar o apoio a seus aliados, por meio de matérias-primas, como a borracha (notável foi a heróica saga dos “Soldados da Borracha”, na Amazônia), e também pela utilização de bases aéreas, particularmente as do Nordeste – região bastante vulnerável após a conquista do Norte da África, pelos alemães. Apesar de enormes dificuldades, conseguimos mobilizar 180.000 homens e reforçar o litoral do saliente nordestino com várias Unidades recém-criadas. Das três Divisões de Infantaria, anteriormente cogitadas, conseguimos formar e adestrar, a duras penas, somente uma Divisão e ainda amargamos a ação deletéria de agentes da “quinta-coluna”, que encetaram virulenta campanha contra a FEB. Eram tempos de supervalorização do que era alienígena – tempos de se cantar e dançar tangos e boleros, de se admirar o que vinha da França e dos Estados Unidos. Nos estados sulinos existiam quistos raciais nas comunidades de origem alemã. O Reich nazista estimava contar, no Brasil, com 900.000 simpatizantes. Tudo isso propiciava a propaganda adversa, dizendo-se até que **“era mais fácil uma cobra fumar do que a FEB partir para a guerra”**. Mas a reação brasileira não tardou. Superamos todos os óbices e a “cobra fumando”, mote do desdém de apátridas, foi o símbolo da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária – 1ª DIE.

#### b. A Constituição da FEB (Resumo)

Em 9 de agosto de 1943, foi constituída a Força Expedicionária Brasileira, sob o comando do General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes. A 1ª DIE foi composta por uma Infantaria Divisionária, a três Regimentos de Infantaria; uma Artilharia Divisionária, a quatro Unidades de Artilharia; Órgãos Divisionários e Tropas Especiais, num total de 25 334 homens, recrutados em todos os estados da Federação, aí incluídos 25 capelães, 67 enfermeiras e 28 funcionários do Banco do Brasil.

Consigne-se, por relevante, a participação de significativa parcela de Oficiais da Reserva, oriundos dos CPOR/NPOR. Dos 1.070 Oficiais Subalternos que integraram a FEB, 433, ou seja, 41% , eram da Reserva de 2ª Classe (R/2). E mais: dos 12 Oficiais mortos em combate, 6 eram Tenentes R/2.

#### c. As fases da atuação da FEB na Itália

A 1ª DIE, ao chegar à Itália, foi incorporada ao IV Corpo de Exército do V Exército dos EEUU e vivenciou quatro fases:

1ª fase: operações no vale do rio Serchio;

2ª fase: operações no vale do rio Reno;

3ª fase: operações no vale do rio Panaro; e

4ª fase: operações de Perseguição, ao S do rio Pó.

No desenrolar dessas operações, nossos soldados passaram por imensos sacrifícios. A esse respeito afirmou o General Mascarenhas de Moraes, em seu livro “A FEB pelo seu Comandante”:

*“Para os que não sabem avaliar o esforço da FEB, pois não se situaram, como nós, **na mais cruenta frente de batalha da Europa Ocidental**, só posso dizer que a FEB não teve um só dia de descanso em sua campanha na Itália”* (grifamos).

Não é escopo deste trabalho a descrição dos principais feitos expedicionários. Porém, mister se faz a apresentação cronológica dos mesmos, em aspectos de elevada significância.

Na 1ª fase das operações, ainda como Destacamento FEB, obtivemos a primeira vitória, em Camaione, no dia 18Set1944. No prosseguimento pelo vale do rio Serchio, avançamos 40 Km, efetuamos 208 prisioneiros e conquistamos várias elevações, vilas e cidades, tais como os Montes

Prano e Acuto, Massarosa, Fabriche, Fornaci, Gallicano, Barga e San Quirico. A 2ª fase, ao longo do vale do rio Reno, na região dos contra-fortes de Belvedere, Monte Castelo e Castelnuovo, foi a mais terrível da Campanha expedicionária. Não fosse conquistado o Monte Castelo, seria impossível o prosseguimento do IV CEx em direção a Bolonha, que deveria ser tomada antes da chegada do inverno. Entretanto, tal objetivo só seria atingido se fossem liberados 42 Km da Rodovia 64, batida pelos fogos inimigos partidos das citadas elevações, cujo ponto culminante era o Monte Castelo. Quatro ataques a este monte foram desencadeados nos meses de novembro e dezembro de 1944, pelo IV C Ex, com a participação da FEB, um deles somente ao encargo de nossa tropa; porém, não lograram êxito, por uma série de razões muito bem explicadas em copiosa literatura. Finalmente, em 21 Fev 1945, após 12 horas de batalha e 3 meses de ingentes esforços, que nos roubaram 263 preciosas vidas e nos fizeram mais de um milhar de feridos, a vitória foi obtida.

A queda de Monte Castelo foi o momento mais emocionante vivido pela FEB. Para coroar tal façanha, completando a quebra da “Linha Gótica” (tais eram as culminâncias que a compunham), conquistamos, em 05Mar1945, as elevações de Torre di Nerone e Castelnuovo, o que propiciou o livre trânsito na Rodovia 64. O IV CEx, no dia seguinte à queda de Monte Castelo, partiu célere para Bolonha, por aquela rodovia. Na 3ª fase, passamos a operar no corte do rio Panaro, quando se travou, em 14Abr1945, a batalha de Montese, a mais sangrenta de todas. A localidade situava-se a 1.200 m de altitude, um verdadeiro “ninho de águias” onde os alemães estavam encarapitados. A sua conquista, por isso, exigiu muita bravura e esforços inauditos, em especial dos Pelotões de Infantaria e do Esquadrão de Cavalaria Mecanizado. Capturamos 107 prisioneiros e sofremos 426 (!) baixas, aí computadas as ocorridas na fase preliminar da batalha, cumprindo lamentar a morte de três heróicos Infantes, comandantes de pequenas frações: o Tenente Ary Rauen, o Aspirante Francisco Mega e o Sargento Max Wolff Filho (este, em missão de patrulha de reconhecimento, na ante-véspera do combate). Nessa fase, não poderia haver perda de tempo e a DIE se deslocou para o Norte, em direção a Zocca, conquistando as localidades de Marano e Vignola. A 4ª fase foi a da Perseguição ao inimigo - em rápida retirada ao Sul do rio Pó -, e se desenvolveu na direção geral Vignola-Alexandria.

A Divisão progrediu com incrível velocidade, inclusive utilizando os caminhões da Artilharia, a fim de transportar os Infantes para a região de Fornovo. Em 27 Abr 1945, a DIE chocou-se com resistências inimigas em Collecchio-Fornovo-Respício e, em duplo envolvimento, iniciou um amplo cerco às tropas alemãs. Os combates feriram-se durante toda a noite de 27/28 Abr, sendo enviado um “ultimatum” de rendição incondicional aos alemães, que foi aceito, após algumas tratativas. Amanhecia o dia 30 Abr, quando se deu a rendição, **em combate**, frise-se, da 148ª Divisão de Infantaria do Exército Alemão e remanescentes das 90ª Divisão Panzer Granadier e Bersagliere Itália.

Era a apoteose da FEB! A História, naquele momento, registrava fato ímpar: “super-homens” nazistas eram rendidos, em combate, pela única tropa sul-americana presente no Teatro de Guerra europeu. Aprisionamos 14.779 homens, 4.000 animais, 2.500 viaturas, além de farta quantidade de armamento, munição e equipamentos. Nossa Divisão prosseguiu em seu avanço. Em 30 Abr, ocupou Alexandria, onde fez junção com tropas norte-americanas e, em 1º Mai, após ultrapassar a cidade de Turim, realizou nova junção, com tropas francesas, em Susa. Daí em diante, foram efetuadas operações de ocupação, até 03Jun, quando houve o deslocamento para o Sul da Itália, onde se aguardou o regresso ao Brasil.

Encerrava-se, assim, uma das mais brilhantes páginas de nossa História. Completava-se o memorável périplo de brasileiros em terras do Velho Continente. Perderam a vida, em combate, 451 militares; 1.577 foram feridos, 1.145 acidentados, 58 extraviados e 35 feitos prisioneiros, em 239 dias de empenho diuturno. Também, as merecidas loas aos bravos companheiros da Marinha de Guerra, no patrulhamento de nosso litoral e na proteção aos comboios navais, e à novel Força Aérea Brasileira, que tantas glórias colheu na Itália, com o Grupo “Senta a Pua”.

### 3. Considerações Finais

a. A FEB não foi uma simples expedição.

A FEB não foi uma presença simbólica na guerra contra o nazi-fascismo. Àqueles que a detratam, depreciando o seu desempenho, precisariam entender o que nos ensinou o saudoso febiano

